

# Escritores e poetas em combate: uma amostra da crítica literária de Dalcídio Jurandir nas páginas do periódico *Diretrizes*

Luiz Fernando Siqueira Muniz\*

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade analisar a produção de Dalcídio Jurandir, reconhecido romancista da Amazônia, a partir de sua condição como repórter para o periódico *Diretrizes* (RJ), no qual, sob a faceta de jornalista, entre 1942 e 1944, contribuiu com suas reportagens, crônicas, ensaios e críticas literárias. Suas colaborações para o periódico evidenciam o profundo comprometimento do escritor com a questão social de sua época, tanto como ficcionista com sua obra literária quanto em seu ofício como jornalista. Para fundamentar a discussão, temos como fim específico o estudo das críticas *Escritores e Poetas Ingleses em Combate* e *Conford, um poeta inglês*, publicados na coluna *A Inteligência Contra o Fascismo*. Para este propósito, serão considerados os subsídios teóricos que compreendem a relação de literatura e resistência, a partir de observações de Alfredo Bosi (2002), e apontamentos de crítica literária, em estudos realizados por Furtado (2011) e Moreira (2015). A coleta de dados foi realizada através de pesquisas bibliográficas nos acervos da hemeroteca digital brasileira e nos relatórios de pesquisa de catalogação organizada por Barbosa, Santos e Furtado (2011). Em síntese, este trabalho busca refletir sobre os elementos característicos da escrita jornalística do escritor marajoara, assim como sobre seus registros críticos paradigmáticos para a crítica literária publicada em periódicos do século XX.

**Palavras-chave:** Dalcídio Jurandir; Crítica Literária; Periódico *Diretrizes*.

**Abstract:** This article aims to analyze the production of Dalcídio Jurandir, a recognized novelist from the Amazon, from his condition as a reporter for the journal *Diretrizes* (RJ), which, under the journalist's facet, between 1942 and 1944, contributed with his reports, chronicles, essays, and literary criticisms. His collaborations with the journal show the writer's deep commitment to the social issue of his time, both as a fictionalist with his literary work and as a journalist. To support the discussion, we have a specific purpose the study of criticism: *Escritores e Poetas Ingleses em Combate* and *Conford, um poeta inglês*, inserted in the column *A Inteligência Contra o Fascismo*. Considering the theoretical subsidies that comprise the relationship between literature and resistance, based on observations by Alfredo Bosi (2002) and notes of literary criticism, in studies carried out by Furtado (2011) and Moreira (2015). Data collection was performed through bibliographic searches of the collections of the Brazilian digital newspaper library and in the cataloging research reports organized by Barbosa, Santos, and Furtado (2011). In summary, this work seeks to reflect on the defining elements of the journalistic writing of the writer from Marajo, as well as his paradigmatics critical records of literary criticism published in 20th-century periodicals.

**Keywords:** Dalcídio Jurandir; Literary Criticism; Journal *Diretrizes*.

---

\* Bolsista/PIBIC, discente da Universidade Federal do Pará - UFPA - Campus Cametá. Atualmente, desenvolve o plano de trabalho A colaboração de Dalcídio Jurandir como crítico para a revista *Diretrizes* e suas relações com a escrita de Três Casas e um Rio (1958), que está inserido no projeto Dalcídio Jurandir: Faces do Jornalista, Contrafaces do Romancista, sob a orientação da Profa. Dra. Ivone dos Santos Veloso.

## 1. Introdução

Com o romantismo brasileiro, outros gêneros literários, além da poesia épica e lírica, tomaram destaque no cenário nacional. José Veríssimo (1998) destaca, entre eles: a prosa ficcional, o teatro, a crítica e a história literária. A esse respeito, o autor, em *História da literatura brasileira* (1998), reforça que o estabelecimento da imprensa, aliado aos movimentos políticos à vinda da família real ao Brasil, propiciou um intenso movimento de circulação de diversas novas categorias textuais.

A crítica como um ramo independente da literatura, o estudo das obras com um critério mais largo que as regras da retórica clássica, e já acompanhado de indagações psicológicas e referências mesológicas, históricas e outras, buscando compreender-lhes e explicar-lhes a formação e a essência, essa crítica derivada aliás imediatamente daquela, pelo que lhe conservou alguma das feições mais antipáticas, nasceu com o Romantismo (Veríssimo, 1998, p. 384).

Ainda segundo o autor supracitado, anteriormente ao romantismo, a crítica literária brasileira reproduzia as propriedades da crítica portuguesa com a sua linguagem excessiva e hiperbólica. De certo, a formulação de uma crítica mais aproximada às produzidas contemporaneamente descendem das escritas após o período romântico no Brasil.

Por conseguinte, a imprensa foi marcada pela atuação de diversos escritores tanto no espaço dedicado aos folhetins quanto na escrita de reportagens e manchetes. Por essa razão, parte da linguagem literária amalgamou-se à produção jornalística da época, em que ficcionistas como José de Alencar e Machado de Assis assinavam as páginas dos periódicos. No entanto, Silviano Santiago (1993) destaca que o processo de desliteraturização suprimiu este espaço dos folhetins, tornando reduzida a relação entre o jornal e a literatura. Desse modo, com o aperfeiçoamento das críticas literárias, vários jornais e revistas fomentaram um lugar exclusivo às resenhas.

Na primeira metade do século XX, a imprensa ampliou o seu espaço para a chamada “crítica de rodapé”. Como possível origem do termo, em 3 de dezembro de 1902, no dia seguinte à publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o crítico José Veríssimo publicou no rodapé literário do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, *Uma História dos Sertões e da Campanha de Canudos* (Botelho, 2004). Nesse ínterim, a obra foi alavancada de imediato, provocando uma busca intensa pelo trabalho do autor sobre o massacre de 1897 em Canudos, transformando-o em uma espécie de *best-seller* da época.

Posteriormente, na década de 1940, enquanto titular da coluna de rodapé do *Correio da Manhã*, Álvaro Lins, um dos maiores críticos da época, em inúmeras declarações e escritos, manifestou que tomava como modelo a obra de José Veríssimo à composição de suas críticas literárias (Bertol, 2020), além de herdar o ofício com os textos críticos no

mesmo jornal. Por consequência, com o fomento do mercado editorial, aliado aos anúncios da imprensa, houve uma transição gradual do espaço dedicado aos folhetins aos que seriam utilizados pelas críticas literárias. Bertol (2020) destaca esse processo de transição editorial como uma metamorfose na configuração do folhetim:

A coluna de Lins era publicada periodicamente no rodapé da página 2 do jornal, destacada dos suplementos em que intelectuais e críticos colaboravam. Integrava-se ainda, portanto, à “cabeça” do jornal (mas, sobretudo nos anos 1920 e 1930, os rodapés também eram publicados na primeira página e ainda podiam ser encontrados em diferentes páginas no jornal). Em todo caso, em linhas gerais, seriam a metamorfose do espaço do folhetim (Bertol, 2020, p. 66).

Desse modo, nas décadas de 1940 e 1950, a expressão crítica de rodapé demarcou o auge da produção crítica literária na imprensa. De acordo com Flora Süssekind (2002), este tipo de texto estava ligado fundamentalmente à não-especialização da grande maioria dos que a produziam, promovendo, em diversas ocasiões, uma oscilação entre gêneros literários como a crônica e o diário. Como resultado de seu meio, o texto também correspondia ao ritmo industrial e era consumido ao lado das reportagens e publicidades.

Este espaço do jornal dedicado às críticas literárias, ora ocupando colunas exclusivas, ora os pés de página, contou com diversos nomes reconhecidos na área, entre eles: Antonio Candido, Mário de Andrade, Nelson Werneck Sodré, Olívio Montenegro, Otto Maria Carpeaux, Tristão de Ataíde, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Wilson Martins e outros que promoveram diversos nomes da literatura nacional. Para ilustrar a expressividade no âmbito comercial da crítica jornalística, com um texto de Álvaro Lins sobre *Sagarana*, de Guimarães Rosa, no jornal carioca *A Manhã*, de 26 de maio de 1946, a obra tornou-se procuradíssima nas livrarias, de modo semelhante ao ocorrido com a crítica de *Os Sertões* realizada por José Veríssimo ainda no início do século.

Outro aspecto marcante deste período são as inúmeras polêmicas entre os críticos de rodapé e os críticos acadêmicos. De um lado, uma parte composta tanto por autores consagrados quanto por estreantes em busca de espaço na vida literária, ambos com uma formação constituída a partir do próprio ofício de ficcionista, utilizando recursos estilísticos à escrita crítica símile à ficcional. De outro lado, com o advento das universidades, uma série de estudantes universitários que seguiam a rigor os pressupostos teóricos e o aperfeiçoamento crítico como finalidade.

De um lado, os antigos “homens de letras”, que se crêem “a consciência de todos”, defensores do impressionismo, do autodidatismo, da review como exibição do estilo, “aventura da personalidade”. De outro, uma geração de críticos formados pelas faculdades de Filosofia do Rio de Janeiro e de São

Paulo, criadas respectivamente, 1938 e em 1934, e interessados na especialização, na crítica ao personalismo, na pesquisa acadêmica (Süssekind, 2002, p. 17).

A princípio, vale destacar que as primeiras interações entre os críticos foram de congratulações por parte dos jornalistas. Isto porque, segundo Süssekind (2002), o próprio Álvaro Lins cortejou de forma animada o surgimento da revista *Clima*, publicada entre 1941 e 1944, fundada por estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, sem perceber que esta própria geração de críticos seria responsável pela decadência de poder literário de intelectuais como ele. Posteriormente, destacam-se outras interações mais inflamadas, como a querela entre Antonio Candido e Oswald de Andrade:

A princípio, vale destacar que as primeiras interações entre os críticos foram de congratulações por parte dos jornalistas. Isto porque, segundo Süssekind (2002), o próprio Álvaro Lins cortejou de forma animada o surgimento da revista *Clima*, publicada entre 1941 e 1944, fundada por estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, sem perceber que esta própria geração de críticos seria responsável pela decadência de poder literário de intelectuais como ele. Posteriormente, destacam-se outras interações mais inflamadas, como a querela entre Antonio Candido e Oswald de Andrade

A querela Candido-Oswald remonta a uma série de artigos publicados pelo primeiro em 1943 na Folha da Manhã, onde, além de apontar “comodismo estético” e “preguiça de aprofundar os problemas de composição” em Serafim Ponte Grande, criticava o “caráter personalista” adotado, na sua opinião, pelo ficcionista nas suas relações literárias. [...] É em “Antes do Marco-Zero”, resposta de Oswald, que surge o epíteto chato-boys por ele atribuído a Candido e seu grupo [...] segundo sua avaliação, à dicção universitária: “O Sr. Antonio Candido, e com ele muita gente simples, confunde sério com cacete. Basta propedeuticamente chatear, alinhar coisas que ninguém suporta, utilizar uma terminologia in-folio (...)” (Süssekind, 2002, p. 20).

Nesse exemplo, vemos um dos comentários que ficaram marcados como uma das diversas rejeições proferidas por escritores aos críticos acadêmicos. Com a réplica de Oswald de Andrade é exposta uma das principais características que antagonizam os dois modelos de crítica, a utilização de uma linguagem prioritariamente acadêmica a despeito de outra, mais personalista. Além das questões estilísticas, havia a divergência entre o modo de abordar as obras eleitas para os jornais e para cátedra, enquanto a primeira se utilizava de uma linguagem mais voltada ao consumo rápido, exigido pela imprensa, a segunda era um estudo teórico acerca da obra literária.

Durante a década de 1950, de modo semelhante ocorreu a contenda entre Afrânio Coutinho e Álvaro Lins. Conforme destaca Sússekind (2002), a escolha do primeiro por avaliar o segundo não era de forma gratuita, isto porque criticá-lo seria atingir de forma certa os mecanismos de qualificação intelectual vigentes no sistema literário, no qual ele era referência. De outro modo, ao estabelecer um domínio em que outro método ditaria as condições de produção crítica, vai se substituindo o jornal com sua perspectiva impressionista, pela universidade com sua metodologia tecnicista.

## 2. Dalcídio Jurandir: o crítico literário

Dalcídio Jurandir nasceu no dia 10 de janeiro de 1909 em Ponta de Pedras, no arquipélago do Marajó, no Pará. Seu reconhecimento como romancista da Amazônia se deve ao seu projeto estético, que é intitulado *Ciclo Extremo Norte*, saga romanesca que contém um total de dez livros<sup>1</sup> iniciado com *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941)<sup>2</sup>, e seguida por *Marajó* (1947); *Três Casas e um Rio* (1958); *Belém do Grão-Pará* (1960)<sup>3</sup>; *Passagem dos Inocentes* (1963); *Primeira Manhã* (1968); *Ponte do Galo* (1971); *Os Habitantes* (1976); *Chão de Lobos* (1976), *Ribanceira* (1978). Fora do ciclo, publicou o romance *Linha do Parque* (1959)<sup>4</sup>, resultado de uma encomenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao qual era filiado.

Além dos onze romances, o escritor marajoara exerceu fortemente o seu ofício como jornalista. Entre 1930 e 1941, no Pará, contribui com um extenso número de reportagens em diversos jornais da imprensa belenense. Ao receber, em 1941, o prêmio do Jornal *Dom Casmurro* e da Editora Vechi, pela obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, pôde então mudar-se para o Rio. Com isso, Dalcídio Jurandir colaborou no Rio de Janeiro em muitos jornais “timbrados pela marca de ‘imprensa comunista’, como: *O Radical*, *Diretrizes*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, *Literatura*, *A Classe Operária*, *Para Todos*” (Furtado, 2011, p. 83).

Durante a publicação de seus romances, Dalcídio Jurandir efetivou-se no emprego de jornalista, escrevendo reportagens, críticas literárias e ensaios. Ressalta-se o periódico *Diretrizes*, ao qual o escritor marajoara contribuiu com seus textos de 1942 a 1944. O *Diretrizes*, importante periódico semanal brasileiro, foi lançado em abril de 1938 no Rio de Janeiro durante a criação do Estado Novo, e contava com publicações de conteúdo político

---

<sup>1</sup> Recebeu com eles o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, em 1972, que lhe foi entregue por Jorge Amado.

<sup>2</sup> Em 1940, o romance *Chove nos Campos de Cachoeira* venceu o concurso literário organizado pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vechi, idealizado por Jorge Amado, então chefe do jornal. A obra foi amplamente divulgada por periódicos do Rio de Janeiro, além de receber um vasto número de textos críticos de intelectuais como Álvaro Lins, Bruno de Menezes, Brício de Abreu entre outros.

<sup>3</sup> Publicado em 1960 pela Livraria Martins Editora, *Belém do Grão Pará* recebeu o Prêmio Paula Brito, da Biblioteca do Estado da Guanabara, e o Prêmio Luiz Cláudio de Souza, criado pelo Pen Club do Brasil.

<sup>4</sup> Publicado em 1959 pela Editora Vitória, o romance *Linha do Parque*, possui uma edição russa do romance que foi lançada em Moscou no ano de 1962, com apresentação de Jorge Amado.

e social de orientação liberal-democrática. Dirigido, inicialmente, por Azevedo Amaral e Samuel Wainer, e, posteriormente, por Maurício Goulart, é considerado um dos maiores periódicos de crítica e análise política da história da imprensa brasileira. Além disso, tratava de assuntos literários, políticos, econômicos e sociais durante a Segunda Guerra Mundial, contrapondo-se às ideologias de caráter ditatoriais vigentes na Europa. Ademais, dirigiu-se nesse momento a um público intelectualmente preparado. Contou com contribuições de Astrojildo Pereira, Marques Rebelo, Jorge Amado, Francisco de Assis Barbosa, Rubem Braga, Afrânio Coutinho entre outros. Sobre isso, ressalta-se o valor dessa crítica literária para a imprensa da época:

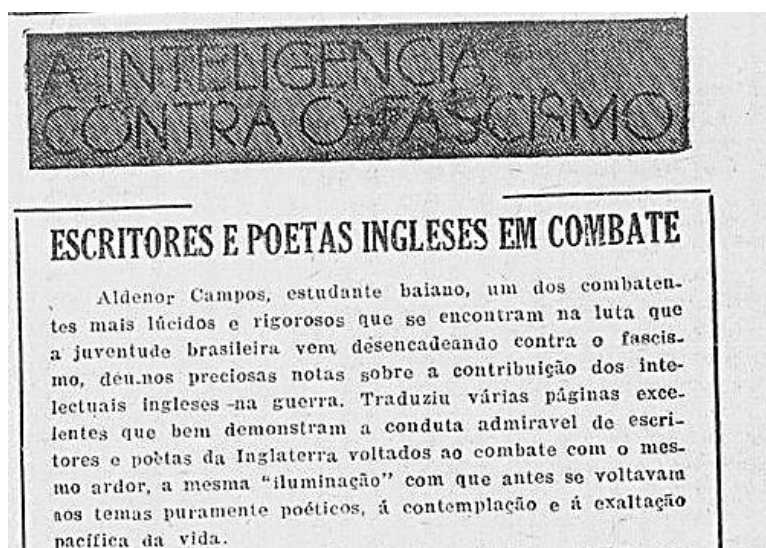
Nesse período, a crítica literária era uma atividade essencialmente ligada à imprensa e ela se configurava a partir das impressões pessoais de leituras dos críticos. [...] Vale ressaltar que a crítica exercida nos suplementos literários não implicava em uma baixa qualidade nas apreciações de romances, poemas, contos e peças teatrais. Pelo contrário, nomes consagrados da nossa crítica literária exerceram, ou pelo menos começaram, suas atividades nas páginas periódicas (Moreira, 2015).

Certamente, é reconhecida a contribuição de diversos críticos literários que, por meio dos periódicos, colaboraram com a construção da história da crítica no século XX. Nomes como Lúcia Miguel-Pereira, Antonio Candido, Álvaro Lins, Wilson Martins, Otto Maria Carpeaux e Roger Bastide são citados como importantes autores da crítica literária brasileira. Isso posto, é essencial notar que a atividade jornalística de Dalcídio Jurandir se enquadra nesses aspectos, pois possuía um importante papel na então crítica literária do país. É justamente sobre essa faceta jornalística do autor, na qual este trabalho está focado, que refletimos o engajamento de suas críticas em seu contexto histórico

### **3. A inteligência contra o fascismo: literatura e resistência**

Em dezembro de 1942, Dalcídio Jurandir, na condição de repórter do periódico *Diretrizes*, nas edições de número 127 e 130, publicou, respectivamente, as críticas literárias *Escritores e Poetas Ingleses em Combate* e *John Conford, Um Poeta Inglês*. Tratam-se de artigos inseridos na coluna *A Inteligência Contra O Fascismo*, cujo objetivo era debater sobre a produção literária em confronto às repressões nazifascistas ascendentes na Europa, detalhe na imagem que apresentamos a seguir:

**Figura 1** - Crítica literária de Dalcídio Jurandir na coluna do periódico *Diretrizes*, publicado no dia 3 de dezembro de 1942



Fonte: Jornal *Diretrizes* (1942, p. 14).

O colunista Dalcídio Jurandir era o principal resenhista da coluna, cujo formato foi adaptado, posteriormente, para tratar de autores menos conhecidos e desfavorecidos em razão da devastação ocasionada pela guerra. Dessa forma, em *Escritores e Poetas Ingleses em Combate* (1942), o crítico traça uma série de escritores britânicos que decidem tomar posição diante da Guerra Civil Espanhola, conflito ocorrido entre 1936 e 1939, desencadeado por uma intensa polarização entre as forças republicanas e as forças nacionalistas que terminou com o ditador Francisco Franco no poder.

Dalcídio Jurandir cita Ralfh Fox, John Cornford, Jullian Bell, Cristopher Caldwell e muitos outros jovens escritores que “pagam com o sacrifício de suas vidas o direito de lutar por um mundo livre e mais digno” (Jurandir, 1942, p. 14). Além de mencionar também Wystan Auden, Stephen Spender e Cecil Day Lewis como “três dos maiores poetas ingleses do século XX” (Jurandir, 1942, p.14), com enfoque ao poema de Auden intitulado *Espanha*, o jornalista qualifica-o como um extenso poema contendo uma forte manifestação dramática. É de importância citar que trechos deste poema possuem a contribuição com notas e traduções por Aldenor Campos, estudante baiano, filiado ao PCB. Dessa forma, é reproduzido em sua crítica um fragmento que possui alusão à capital da Espanha, de acordo com a imagem abaixo:

Figura 2 - Trecho do poema *Espanha* de Wystan Auden, publicado em 3 de dezembro de 1942

Austen nos fala de Madrid:  
"Neste quadrado árido, este fragmento decepado da  
quente Africa,  
tão cruelmente soldado à inventiva Europa;  
Neste país em tabuleiro riscado pelos rios,  
nossos pensamentos ganham corpos;  
os ameaçadores aspectos de nossa febre são vivos e  
precisos...  
Madrid é o coração.  
Floreçam nossos momentos de ternura  
como a ambulância e o saco de areia;  
Horas de camaradagem num exército do povo..."

Fonte: Jornal *Diretrizes* (1942, p. 14).

A partir deste trecho, Dalcídio Jurandir atenta para Madrid, importante cidade na qual um conjunto de episódios militares ocorridos durante a Guerra Civil Espanhola fez dela o epicentro do conflito. No poema, a capital da Espanha é referida como uma das "cidades que não se deixam vencer pelas hordas fascistas" (Jurandir, 1942, p. 14). Desse modo, a atitude de resistência às atrocidades ascendentes do nazifascismo torna-se o papel fundamental do poema. Por conseguinte, o crítico enfatiza a condição poética de Wystan Auden, que exprime "uma compacta riqueza e vitalidade com uma larga e extraordinária visão da sociedade humana" (Jurandir, 1942, p.14) e atenta para o clímax o poema, na imagem a seguir:

Figura 3 - Trecho do poema "Espanha" de Wystan Auden

"Estão mortas as estrelas. Os animais não poderão ver.  
Não estamos perturbados com nosso dia, e o tempo é  
escasso,  
A História pode dar pêsames aos derrotados  
mas não pode socorrê-los nem perdôá-los".

Fonte: Jornal *Diretrizes* (1942, p. 14).

Fica explícito, então, no trecho destacado por Dalcídio Jurandir o papel da História diante da guerra como de fundamental importância para o enfrentamento às tiranias do totalitarismo. Afinal, a vida dos poetas que se dispõem a lutar pela democracia se juntam às vidas dos soldados e do povo, para isso o jornalista cita *ipsis verbis* um importante texto do poeta britânico John Lehmann:

Há muitos exemplos na nossa história e na de outros países mostrando como um movimento popular, quando suficientemente forte, pode envolver os escritores por mais individualistas que sejam, sacando-os de seus quartos-

escuros e das suas torres de marfim para lançá-los nos tumultos das ruas. Nestes momentos a história se agiganta e se torna capaz de criar suas próprias vozes e suas próprias manifestações artísticas: o instante que passa é que surge em primeiro plano, não o homem (Jurandir, 1942, p. 14).

Diante do conflito, o movimento popular, que é movido pelos trabalhadores, promoveu a colaboração entre os poetas mais individualistas, ao retirá-los de seus isolamentos e envolvê-los nas causas sociais, de modo que na força do ato agigantam-se ao juntar-se com o povo diante das repressões. Este fragmento reflete tanto a postura dos escritores britânicos quanto a conduta de Dalcídio Jurandir em sua obra, na qual o engajamento político do autor é fundamental para a compreensão.

Em virtude disso, valemo-nos do pensamento de *Resistência*, proposto no ensaio *Literatura e Resistência* de Alfredo Bosi (2002), ao dizer que “*Resistência* é um conceito originariamente ético, e não estético”, no qual “resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir” (Bosi, 2002, p. 11). Logo, a resistência se dá como processo inerente à escrita, pois é na condição moral do escritor que a produção artística se opõe às ignorâncias do fascismo, visto que não compreende a literatura e é avesso à cultura e à arte em geral. Dalcídio Jurandir, então, pensa numa produção artística que seja ética, compromissada com seu contexto e época. Em síntese, a produção literária dos poetas, no contexto da guerra, configura-se em si própria como uma postura de resistência a uma condição de tirania.

Em *John Conford, um poeta inglês*, Dalcídio Jurandir (1942) designa a alcunha de *poeta da liberdade* ao soldado e escritor John Conford, de vinte anos, que se alistou na Brigada Internacional para combater na Espanha ao lado dos republicanos. Isso por consequência de “suas lutas, seu heroísmo, sua fidelidade ao povo”, que “não o impediram de permanecer fiel à poesia” (Jurandir, 1942, p. 14). O crítico celebra a história do poeta que morreu durante o conflito na Espanha, como um “poeta das grandes e gloriosas trincheiras onde os povos defendem a sua vida e o seu futuro” (Jurandir, 1942, p. 14), disposto a enfrentar na guerra as ameaças totalitaristas que se opunham às manifestações democráticas.

Fragmentos de dois poemas, um deles intitulado “Lua Cheia em Tierz” e outro sem título, são reproduzidos em sua crítica, na qual Dalcídio Jurandir atenta para as questões “da impossibilidade de criar alguma coisa sem sacrifício” (Jurandir, 1942, p. 14), ou seja, da dificuldade de se conquistar algo sem antes estar disposto a enfrentá-lo. Detalhe do trecho do primeiro poema na imagem a seguir:

**Figura 4** - Trecho do poema “Lua Cheia em Tierz” de John Conford, publicado em 24 de dezembro de 1942

Seu poema “Lua cheia em Tierz” principia assim:  
O passado, uma geleira, ajustou-se á muralha montanhosa,  
o tempo era em polegadas, a escuridão tudo envolvia,  
enquanto aqui ele percorria a distancia até o fim,  
o ponto dialético da transformação  
espedaça-se em luz minutos antes de cair.  
  
O tempo presente é uma catarata cuja força  
destrói as margens até sua origem;  
a história que em nossas mãos se forma,  
não é areia plástica, é areia que ruga,  
é nosso dever encaminhá-la para seu curso final.

Fonte: Jornal *Diretrizes* (1942, p. 14).

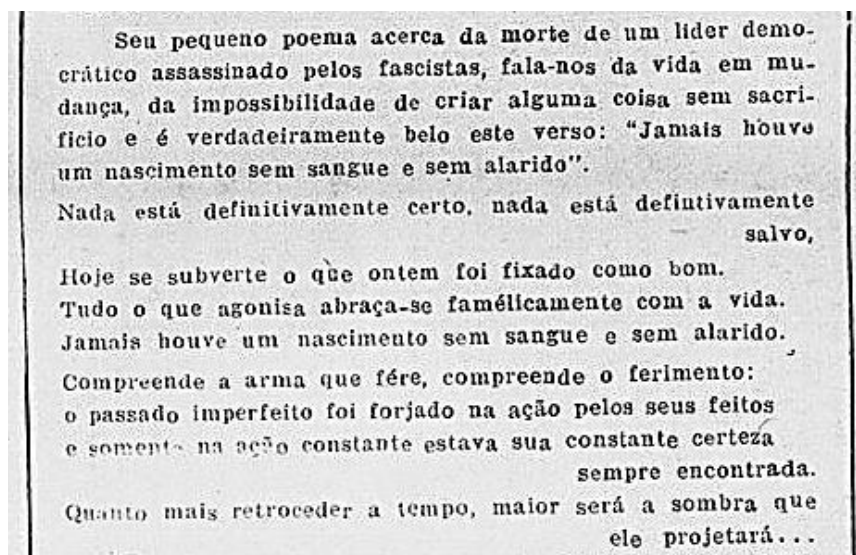
Os poemas de John Conford falam dos combates e dos homens que se enfrentam na linha de frente do campo de batalha. Além disso, tratam do “conflito entre o velho mundo condenado e o mundo que nasce das ruínas e das fogueiras da guerra” (Jurandir, 1942, p. 14), com a condição poética firme provinda de um “sentimento impetuoso de um homem que interpreta o sonho e o sofrimento dos homens livres cuja esperança os leva à vitória” (Jurandir, 1942, p. 14). Certamente, a opinião de Dalcídio Jurandir acerca de John Conford reflete a sua percepção da criação literária como resistência, que torna a conduta do poeta compatível às reivindicações de direitos por uma classe social. Sobre isso, o crítico legitima a poesia de John Conford, principalmente, por servir-se à liberdade:

Seu nome não é conveniente para os salões, sua grande voz sem medo, cálida e veemente é impregnada da mais pura poesia, é, apenas, um nome que ficou gravado nas trincheiras, nas estradas, nas bandeiras de guerra, nas máquinas que estão destruindo a barbárie fascista. Sua poesia não nasceu da solidão, das ilhas, dos pequenos refúgios dourados, mas do alarido, das terríveis madrugadas de combate e da fria resolução dos seres que, através de todos os terríveis obstáculos e dominando o terror organizado dos tiranos, conquistam o mundo para o povo, conquistam a liberdade para a vida e salvam a própria poesia (Jurandir, 1942, p. 14).

Nessa perspectiva, Dalcídio Jurandir considera os salões da alta classe como um lugar inadequado à intensidade da pura poesia de Conford, já que ela não nasceu da alienação, mas sim dos homens que enfrentaram a tirania do nazifascismo na esperança de um novo mundo. Apesar da brevidade da vida do poeta, sua busca por liberdade embasa toda a sua criação artística, isso porque “o seu grande amor humano e o seu gênio criaram uma nova concepção poética e um sentido mais profundo da fraternidade humana” (Jurandir, 1942, p. 14), ou seja, para Dalcídio Jurandir, com a sua poesia John Conford alcançou a verdadeira posição de prestígio dentre os poetas de sua contemporaneidade.

Para tratar do segundo poema de John Conford, Dalcídio Jurandir primeiro cita o contexto de sua criação: a morte de um líder democrático por fascistas. O poema comunica ainda a dificuldade de se criar algo novo sem que haja sacrifício. A seguir, detalhes ilustrativos da página do jornal:

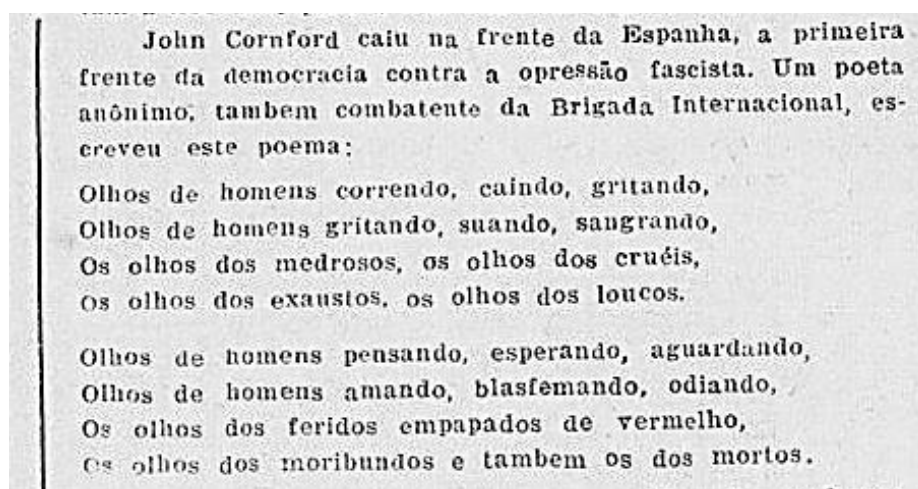
**Figura 5** - Fragmento de poema sem título, publicado em 24 de dezembro de 1942



Fonte: Jornal *Diretrizes* (1942, p. 14).

Há um destaque do crítico para os versos mais marcantes do poema, aqueles que tratam do sacrifício. No contexto da guerra, os homens que foram à luta entregavam suas vidas para a proteção de outros inocentes e vulneráveis. Para complementar esse raciocínio, Dalcídio Jurandir cita um poema sem autoria de um parceiro de John Conford sobre a brevidade da vida diante da guerra:

**Figura 6** - Trecho de um poema de autoria desconhecida, publicado em 24 de dezembro de 1942



Fonte: Jornal *Diretrizes* (1942, p. 14).

No poema há a imagem de uma batalha através da descrição dos expressivos olhares dos soldados. No meio de tantos olhares, o crítico atenta para como seria o olhar de John Conford, que “não morreu com os olhos dos medrosos, dos exaustos, dos loucos. Morreu com os olhos dos feridos empapados de vermelho, com os ‘olhos de homem amando’” (Jurandir, 1942, p. 14). Dessa forma, é mencionado o propósito de lutar na guerra pelo lado do povo. A morte, tanto para o poeta anônimo quanto para Conford, é “para o futuro, para os grandes poetas de amanhã” (Jurandir, 1942, p. 14), uma vez que a resistência ao fascismo é considerada por Dalcídio Jurandir como um dos momentos supremos da civilização e da liberdade.

#### 4. Considerações finais

Dalcídio Jurandir, tanto em seus artigos jornalísticos quanto em seu projeto estético literário, revela-se comprometido com as lutas de sua contemporaneidade. A partir de seu ofício como jornalista para o periódico *Diretrizes*, publicou suas críticas literárias e utilizou-as como um instrumento fortíssimo de denúncia dos conflitos ocasionados pela ascensão fascista. Na coluna *A Inteligência Contra o Fascismo*, o jornalista, sob a faceta de crítico literário, publicou *Escritores e Poetas em Combate* e *John Conford, um poeta inglês*, textos que atentam para os poetas e a arte da escrita poética durante a guerra.

A partir dessas críticas, Dalcídio Jurandir reivindica o lugar desses escritores que, ao se solidarizarem com os que sofrem, expressando isso em sua arte, desempenham papel importante no combate às ameaças antidemocráticas. Por fim, o romancista, em seus textos jornalísticos, evidencia seus ideais, referenciando escritores comprometidos com o povo e que, como ele próprio, souberam articular a arte poética com a luta pela democracia.

## Referências

- BERTOL, Rachel. Anacronias da crítica literária em jornal: a transição da matriz romântica ao rodapé. Intercom: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 43, n. 1 p. 53-70, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202013>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOTELHO, André. Crime e expiação: a recepção de ‘Os Sertões’ de Euclides da Cunha. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 165-169, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nz7DgYK5nhGDR5gwN8NKRxG/?format=pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- FURTADO, Marlí Tereza. Dalcídio Jurandir e a crítica literária para o Estado do Pará (1938/1941). In: FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira; AUGUSTI, Valéria (org.). *Crítica e Literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011. p. 81-98.
- JURANDIR, Dalcídio. *Escritores e Poetas Ingleses em Combate*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/39129003742617/I0004806-20Alt=001919Lar=001330LargOri=004617AltOri=006663.JPG>. Acesso em: 5 mai. 2022.
- JURANDIR, Dalcídio. *Conford, um poeta inglês*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/4923702371746/I0004878-20Alt=001881Lar=001330LargOri=004674AltOri=006609.JPG>. Acesso em: 5 mai. 2022.
- MOREIRA, Alex Santos. A consagração crítica de Chove nos Campos de Cachoeira na imprensa do Rio de Janeiro. In: Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 14., 2015, Belém. *Anais [...]*, 2015, v. 1, p. 48-59. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014\\_1434476616.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434476616.pdf). Acesso em 18 dez. 2023.
- SANTIAGO, Silviano. Crítica Literária e jornal na pós-modernidade. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 1, ano 1, 1993, p. 7-11. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17612/14396>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 15-36.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 7. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

Recebido em 07 de maio de 2022  
Aceito em 25 de maio de 2023